

Os Velhos

J. Roberto Whitaker Penteado

Em 1966, Harry Harrison - autor de obras de ficção científica - escreveu um livro chamado *Make room, make room*, que descrevia uma tenebrosa Nova York do ano de 1999, em que se amontoavam 35 milhões de seres humanos disputando as últimas migalhas de sustento, num mundo já exaurido de recursos. A obra foi transformada em filme, em 1973, estrelado por Charlton Heston, Chuck Connors e Edward G. Robinson, com o nome de *Soylent Green* (No mundo de 2020, no Brasil). Obtive essas informações de um amigo cinéfilo, quando fui checar com ele a minha principal lembrança: a de que o governo dessa sociedade mantinha um importante "departamento de eutanásia", para onde se dirigiam voluntariamente os velhos.

Como outras tentativas proféticas (vêm à mente o 1984, de Orwell e o Mundo Novo de Huxley), muita coisa furou: não aconteceu nas datas previstas, ou nem vai acontecer.

No caso dos velhos - cidadãos idosos, maduros ou "senior"; não sabemos ainda qual é o social e politicamente correto - as estatísticas começam a nos atropelar: são cerca de 15 milhões, no Brasil (com mais de 60 anos - fronteira oficial da velhice, constante do Estatuto do Idoso); serão mais de 30 milhões em 2020, data do filme mencionado. Contrariamente ao enredo do filme, eles não constituem a faixa menos favorecida da população. Em muitos casos, têm renda mais elevada do que a média, gozam de saúde relativamente boa e muitos estão em plena atividade profissional.

A próxima Revista da ESPM - a sair nos próximos dias - trata do assunto em profundidade. Como editor da publicação, tenho a sensação de que levantamos mais perguntas do que obtivemos respostas.

Ao que tudo indica, a sociedade ainda não sabe o que fazer com seus cidadãos mais velhos - e parece que não é só no Brasil. Todos os cálculos indicam que os sistemas de previdência que foram criados, no passado, não levaram em conta uma progressão tão rápida no segmento da maioridade. A longo prazo - aliás, até menos, em alguns casos - não há como fechar as contas. Simplesmente não haverá recursos disponíveis.

O mercado de trabalho mostra-se de um irritante conservadorismo: as grandes empresas querem contar com funcionários cada vez mais jovens, nas funções de decisão e a idade da aposentadoria compulsória diminui, em vez de aumentar. Nossas imprevidentes leis trabalhistas não contribuem para resolver a questão, ao proibir que os salários possam, eventualmente, diminuir, com o tempo. Não tem sentido que se aceitem as fases de vida - crescimento, estabilidade e declínio - como válidas para produtos e não para os seres vivos, em que - afinal - se inspiraram...

Enquanto isso, cidadãos com capacidade acima da média e em condições de contribuir para o próprio sustento e para o bem-estar da sociedade vão sendo ignorados, quando não descartados. Para as matérias da Revista da ESPM, entrevistamos três deles - em maravilhosas atividades - um aos 80 anos, outro aos 85 e o terceiro aos 90! Apesar de crítico, este é um problema que não parece - como tantos outros, em nosso país - sem solução. Mas é preciso reconhecer - já - que ele existe, para buscar formas de enfrentá-lo com competência e criatividade.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Os Velhos. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=255&ID=274>>. Acesso em: 2 set. 2009.